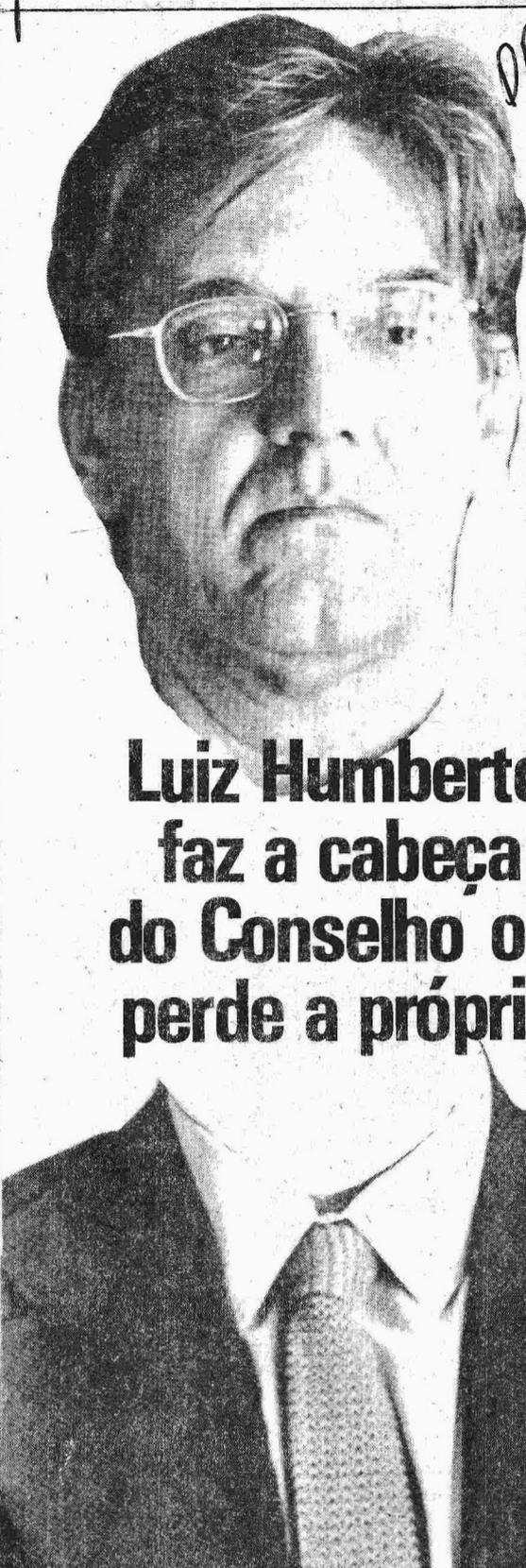


Nos meios culturais, não se fala em outra coisa. Conversa vai, conversa vem, e surge a figura institucional do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural do DF. Muitos confiam nele para assegurar a manutenção da antiga ordem. Outros, que desejam transformações, o tomam como a "triste herança" deixada por Carlos Mathias a seu sucessor, Luís Humberto.

Mas afinal quem são os membros deste Conselho? Eles impedirão o novo diretor-executivo da FCDF de levar adiante uma nova proposta cultural? Ou, sensíveis às mudanças formuladas pela Nova República, se reciliarão? Estas perguntas só nas próximas semanas terão respostas. Por enquanto, é possível conjecturar. Vamos, pois, à biografia dos conselheiros, somada a palpites sobre sua atuação na capital do País da Aliança Democrática.

Luiz Humberto faz a cabeça do Conselho ou perde a própria



MARIA DO ROSARIO CAETANO
Repórter Especial

O Conselho Deliberativo da FCDF tem a seguinte composição: secretário de Educação e Cultura e diretor-executivo da FCDF (membros natos), presidente do Banco Regional de Brasília e três personalidades da vida brasiliense.

Na Velha República, o time se formava com Eurides Brito (SEC), Carlos Mathias (FCDF), Celso Albano Costa (BRB, depois secretário de Finanças do GDF), José Pereira Lira, Maria Christina Diniz Leal e Herberto Salles.

Na Nova República, o Conselho se comporá com Pompeu de Sousa (SEC), Luís Humberto (FCDF), mais o presidente do BRB (atualmente, exerce o cargo, interinamente, Waldir Quintão), e as três "personalidades brasilienses": Pereira Lira, Maria Christina e Herberto Salles.

Pompeu de Sousa e Luis Humberto são — ou estão — por demais conhecidos, já que, nessa semana, tomaram posse (o primeiro na Secretaria de Educação e Cultura, e o segundo na direção-executiva da FCDF). Os dois são amigos há 23 anos e se afinam muito bem. Como membros-natos do Conselho, decerto causarão mal-estar a quem se opuser às suas idéias e projetos.

Waldir Quintão, presidente interino do BRB, diretor-administrativo do banco, na gestão Hélio Ribeiro. Se permanecer no cargo, e que não é provável, assumirá a vaga de Celso Albano Costa, que deixou o BRB para assumir a Secretaria de Finanças do GDF (permanecendo conselheiro da FCDF). Com a saída de Albano da Secretaria, deduz-se que abandonará o Conselho. Tudo, porém, parece nebuloso, já que Celso Albano teve assento no Conselho como presidente do Banco, mas seus substitutos — Oswaldo Garcia e Hélio Ribeiro — não tiveram a mesma honra.

PERSONALIDADES

Bem, a metade do Conselho Deliberativo-está apresentada. Resta-nos biografiar, agora, as três personalidades brasilienses que completam o time. Comecemos pelo "monumento-símbolo" do Conselho: o advogado e jurista José Pereira Lira.

Pereira Lira é um velhinho, já quase octogenário, instalado no poder — primeiro policial, depois cultural — desde os anos 40. No governo do neral Dutra, Lira foi chefe de polícia do Distrito Federal (Rio de Janeiro, então capital). Nos anos 70, chegou a presidente do Tribunal de Contas da União, onde se aposentou, ao completar 70 anos. Dirigiu, sucessivas vezes, a Academia Brasiliense de Letras. No dia 31 de março de 1972 (imaginem o valor desta data: aniversário do Movimento de 64, Ano do Sesquicentenário) a imprensa noticiava sua recondução ao cargo de presidente da Academia.

Lira é professor na Faculdade de Estudos Sociais Aplicados da UnB. Os alunos costumam dizer que ele dá o mesmo "ponto" (matéria) várias vezes, pois esquece-se de onde parou, na última aula. Atua no Departamento de Direito. Sua obra literária não é conhecida. Se existe, deve ficar restrita às rodas freqüentadas por seus pares: os acadêmicos Domingos Carvalho da Silva, Almeida Fisher, entre outros.

Sem desejar ser profeta, há que se prever que Lira continuará sendo a presença mais conservadora do Conselho Deliberativo. Não há Nova República que o mude. Certa vez, ao entrevistá-lo, ele deu mais importância às virgulas do texto do que à discussão do futuro da Academia Brasiliense de Letras e da literatura na nova capital brasileira.



Pereira Lira, o patriarca do Conselho, cercado por Pompeu de Sousa (olhando para o teto) e Carlos Mathias

Maria Christina Diniz Leal é professora no Departamento de Letras e Lingüística da UnB. Leciona Literatura e Língua Portuguesa. Uma excelente professora, por sinal (testemunho de quem foi sua aluna por duas vezes). Sua presença no Conselho é explicada por relações de parentesco: ela é ex-nora de Léa Leal, presidente da LBA (Legião Brasileira de Assistência). Maria Christina foi casada com o poeta Cláudio Murrilo, filho de Léa. Bem, se no início de sua atuação, Christina se beneficiou de laços de parentesco, sua atuação posterior foi importante. Na época de Rui Pereira da Silva, atuou como chefe de gabinete da FCDF. Mais tarde, no Conselho, teve posição mais avançada que a da média. Quando o Encontro de Escritores recebia críticas rigorosas, ela tentou arejá-lo, reunindo jovens poetas para recitais e debates no Teatro Galpãozinho. Sempre acreditou e defendeu a Galeria Cabecas e seu animador-mor, Néio Lúcio. Deu, ainda, atenção especial aos projetos Grande Circular e Progressália.

Um prognóstico: Christina não será empecilho para projetos arrojados na FCDF. Ela tem temperamento progressista. Para colocá-lo em ação, basta que receba estímulos.

Herberto de Azevedo Salles é romancista, contista e cronista. Nasceu na Bahia, há 67 anos. Preside, há quase uma década, o Instituto Nacional do Livro (INL). José Aparecido já escolheu seu sucessor: será o crítico paulista Fábio Lucas. Quem conhece os bastidores da política, porém, garante que não será desta vez que Herberto apeará do poder. Irá assessorar o presidente em exercício, José Sarney, seu amigo íntimo e par na Academia Brasileira de Letras.

Herberto Salles é autor de vários livros: *Cascalho* (1944), *Baixo Relevo* (53), *Além dos Marimbus* (60), *Dados do Final do Marcelino* (65), *O Fruto do Vosso Ventre* (77). Em 1971, tornou-se imortal. Seu prestígio na política cultural brasileira, nos últimos 15 anos, é explicado (não se sabe se por más línguas), por suas ligações com Golbery do Couto e Silva, de quem, dizem, é grande amigo.

A posição do escritor baiano no Conselho Deliberativo da FCDF é de difícil previsão. Ele pode dar uma de Sarney e tornar-se um "peemedebista" cultural.



Maria Christina Diniz Leal: uma presença arejada no Conselho.

Herberto Salles: depois do INL, o escritor baiano tornar-se-á um "peemedebista" cultural?

